

Roteiros do Agreste: A Produção Audiovisual no Interior Pernambucano¹

Amanda Mansur Custódio Nogueira²

Nayara Camila da Silva Nascimento³

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

RESUMO

O artigo explora a descentralização do cinema em Pernambuco, destacando a transição do foco da capital Recife para o Agreste pernambucano. A partir de políticas públicas e do movimento de jovens cineastas autodidatas, o Agreste se transforma de mero cenário a protagonista, abordando questões culturais locais e dando voz às histórias e tradições do interior, como as memórias dos mestres populares e as festas tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: cinema pernambucano; agreste; descentralização; jovens cineastas; cultura popular.

CORPO DO TEXTO

Durante muito tempo, o cinema pernambucano esteve fortemente associado à capital Recife, com seus cineclubes, festivais e escolas de formação, enquanto o Agreste e o interior eram vistos apenas como cenários exóticos ou periféricos. As paisagens urbanas, os manguezais e a movimentação cultural da capital moldaram os primeiros imaginários audiovisuais que conquistaram projeção nacional. Contudo, nas últimas décadas, esse panorama começou a se transformar. Novas vozes e olhares passaram a emergir das pequenas cidades, das feiras livres, das zonas rurais, trazendo o Agreste pernambucano não apenas como cenário, mas como protagonista, ponto de vista, estética e discurso.

Essa descentralização do fazer cinematográfico resultou, em parte, de políticas públicas de fomento cultural no início dos anos 2000, mas também de um desejo crescente de romper os limites geográficos e simbólicos da capital. Nos interiores, surgiram jovens realizadores, muitos deles autodidatas ou oriundos de cursos

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Professor do Curso de Comunicação Social da UFPE, email: amanda.nogueira@ufpe.br

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social da UFPE, email: nayara.nascimento@ufpe.br

universitários espalhados pelo estado, como o curso de Comunicação Social da UFPE, que passaram a criar obras “de dentro”, ancoradas nas vivências, tradições e memórias populares do território.

A produção cinematográfica no Agreste pernambucano insere-se dentro de uma tradição do cinema documental que, como aponta Nichols (2005), busca não apenas representar a realidade, mas também intervir criticamente sobre ela, mobilizando o cinema como ferramenta de engajamento político e cultural. Esse movimento dialoga com o processo de descentralização da produção audiovisual no Brasil, identificado por Cunha (2010), no qual iniciativas regionais ampliam os horizontes narrativos e estéticos do cinema nacional, incorporando saberes locais, tradições orais e práticas culturais específicas. Assim, o cinema realizado no interior pernambucano contribui para novas cartografias culturais no audiovisual brasileiro, desafiando hegemonias e propondo outras perspectivas de representação.

Embora *Baile Perfumado* (1996) seja frequentemente lembrado como marco da retomada do cinema pernambucano, a produção audiovisual no Agreste já vinha se delineando anteriormente, como evidencia o filme *A Peleja do Bumba Meu Boi Contra o Vampiro do Meio Dia* (1986). Realizado inicialmente em Super-8 e finalizado com tecnologia u-matic, o filme de Luiz Lourenço e Pedro Aarão contou com a participação ativa de mestres da cultura popular, como ceramistas e cordelistas, principalmente da Feira de Caruaru. Utilizando a tradição do bumba-meu-boi como metáfora da luta entre o bem e o mal, a narrativa constroi uma crítica simbólica ao capitalismo e à exploração da população nordestina, evocando o universo da literatura de cordel. Como destaca Schwarz (2002), o filme desde sua concepção já assumia um caráter político e de resistência através da arte popular e cinematográfica, alinhado a um movimento de vídeo popular voltado ao fortalecimento comunitário e à valorização das expressões culturais autênticas.

A obra também perpetua a memória da feira de Caruaru, então ainda localizada no centro da cidade, funcionando como elo entre o fazer artístico e a vida cotidiana. O filme consolidou-se como marco do cinema regional, antecedendo produções que viriam posteriormente e posicionando o Agreste como sujeito de suas próprias narrativas, não apenas como cenário. Essa trajetória se intensifica com *Baile Perfumado* (1996), que mesmo sendo uma produção da capital, atua como ponto de inflexão ao

abrir espaço simbólico para que o sertão e o agreste fossem vistos como lugares legítimos de produção cultural. Sua repercussão, com prêmios no Festival de Brasília e exposições internacionais, mostrou que havia interesse por narrativas do Nordeste que escapassem do folclore ou da caricatura.

Esse novo olhar reverberou concretamente no Agreste, impulsionando produções que passaram a circular nacional e internacionalmente, realizadas com poucos recursos, mas com grande densidade estética e política. É o caso de *Ferrolho* (2012), de Taciano Valério, exibido na Mostra Aurora do Festival de Tiradentes em 2013, que retrata uma Caruaru urbana e contemporânea, distante dos estereótipos folclóricos. A obra mistura ficção e documentário, incorporando depoimentos reais de artesãos, conferindo autenticidade e profundidade à narrativa. A crítica especializada destacou suas influências do Cinema Marginal brasileiro, aproximando-o de filmes como *O Bandido da Luz Vermelha*, de Rogério Sganzerla, tanto pela estética quanto pela crítica social embutida.

Outro exemplo recente é o documentário *Cabocolino* (2021), de João Marcelo Alves, que narra a trajetória de João de Cordeira, mestre brincante de 82 anos responsável por manter viva a tradição do Bloco de Caboclinhos no Sítio Melancia, zona rural de João Alfredo. Acompanhando sua jornada até Juazeiro do Norte, o curta traduz em linguagem audiovisual o embate entre tradição e apagamento cultural, conquistando 32 prêmios e participação em mais de 50 festivais nacionais e internacionais. A força da obra reside tanto no retrato sensível da figura de João quanto na resistência cultural que evoca.

Antes mesmo dessas produções mais recentes, Caruaru já havia sido tema de registros fundamentais, como os documentários de Geraldo Sarno nas décadas de 1960 e 1970. Em *Vitalino Lampião* (1967–69), Sarno documenta o trabalho de Manuel Vitalino, filho do Mestre Vitalino, entrelaçando a figura de Lampião em uma narrativa de barro e poesia. Já *Jornal do Sertão* (1967–70) e *A Cantoria* (1969–70) registram a força da literatura de cordel e da cantoria como pensamento popular. Em *Segunda-feira* (1975), Sarno amplia o olhar para as feiras livres como centros de trocas simbólicas e econômicas, enquanto Fernando Spencer, em *Adão foi Feito de Barro* (1978), documenta os ceramistas do Alto do Moura. Esses filmes, ainda que sem grande circulação comercial, constituem matrizes do imaginário visual caruaruense,

funcionando como acervo histórico e expressão de um cinema engajado com a realidade.

Esses exemplos demonstram que o Agreste pernambucano deixou de ser apenas celeiro de mão de obra ou espaço de passagem no circuito das ideias culturais do estado, para se afirmar como território ativo de criação, com narrativas que revelam uma complexidade social, histórica e afetiva frequentemente ignorada pelas grandes produções do Sudeste. Mais do que “fazer cinema no interior”, os realizadores do Agreste estão reconfigurando o que se entende por cinema brasileiro. Se *Baile Perfumado* abriu as janelas do sertão para o mundo, os filmes do Agreste escancaram as portas — com barro nos pés, sotaque na fala e o desejo inegociável de permanecer. Apesar de nem sempre alcançarem grande repercussão midiática, essas produções recentes têm revelado a força criativa e a riqueza cultural do Agreste pernambucano, consolidando um campo audiovisual comprometido com as histórias do interior e ampliando o repertório estético e político do cinema feito fora dos grandes centros.

A seguir, apresentamos uma tabela com algumas dessas produções que, mesmo com menor visibilidade, têm desempenhado um papel significativo na preservação da memória e na afirmação das identidades locais.

Título	Ano	Direção	Localidade	Sinopse/Temática
Pega-se Facção	2020	Thaís Braga	Zona rural de Caruaru (PE)	Realidade de costureiras rurais; trabalho domiciliar e luta feminina.
O São João de Azulão	2024	Taciano Valério	Caruaru (PE)	Homenagem ao cantor Azulão; memória e cultura do São João.
Retrato de um Forró	2024	Gabriella Ambrósio	Caruaru (PE)	Impacto cultural do Espaço Cultural da Lúcia e sua importância para a cidade.
Cabocolino	2021-22	João Marcelo Alves	João Alfredo (PE)	Preservação do Bloco de Caboclinhos e tradição popular.

No Fio do Destino: Mulheres e Jeans em Toritama	2023	Valdenilson Henrique	Toritama (PE)	Trabalho feminino na indústria do jeans; resistência e precarização.
Eu Sou Bento	2023	Nayara Nascimento	Santa Cruz do Capibaribe (PE)	Vida e legado de um mestre da cultura popular; oralidade e música regional.
Palestina Brasil	2021	Punctum Produtora	Santa Cruz do Capibaribe (PE)	Retrato da comunidade da Palestina e suas histórias de resistência.
Filhos Ausentes	2022	Punctum Produtora	Santa Cruz do Capibaribe (PE)	Retorno à cidade natal; memória, identidade e pertencimento.
Costureiras no Online	2024	Rafa Montteiro e Agda	Santa Cruz do Capibaribe (PE)	Impacto da pandemia no trabalho das costureiras locais.
Crença e Cura	2024	Punctum Produtora	Agreste pernambucano	Saberes ancestrais das rezadeiras; espiritualidade e cura tradicional.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Clarisse Maria Castro de. **Vídeo e experimentação social**: um estudo sobre o vídeo comunitário contemporâneo no Brasil. Campinas, SP: [s.n.], 2004.

CUNHA, Paulo. **A utopia provinciana**: Recife, cinema, melancolia. 1. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.

FARKAS, Thomaz. **Vitalino Lampião**. Disponível em: <https://www.thomazfarkas.com/filmes/vitalino-lampiao/>. Acesso em: 17 fev. 2025.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

SALDANHA, Gabriela Lopes. **Geração Árido Movie: o cinema cosmopolita dos anos noventa em Pernambuco**. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) “” Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, 2009.

SALDANHA, Gabriela Lopes. **Um breve histórico dos cinemas de Caruaru**. Medium, 2020. Disponível em: <https://medium.com/a-ponte/um-breve-hist%C3%B3rico-dos-cinemas-de-caruaru-2b369a42ba48>. Acesso em: 17 fev. 2025.

SANTOS, José Veridiano. **Falas da cidade**: um estudo sobre as estratégias discursivas que constituíram historicamente a cidade de Caruaru-PE (1950-1970). Recife: O autor, 2006.

SANTOS, Márcia Vanessa Malcher dos. **O cinema contemporâneo de Pernambuco**. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SCHWARZ, Ana. **Entrar e sair da tela**: uma viagem imóvel. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002. Mimeografado. p. 40-41.

Especial: A Peleja. SPIA REVISTA, Caruaru, 23 de dez. de 2021. Disponível em: <https://www.spiarevista.com/post/especial-a-peleja>. Acesso em: 12 abr. 2025.

REFERÊNCIAS FÍLMICAS

A PELEJA do Bumba Meu Boi contra o Vampiro do Meio-Dia. Direção: Luiz Lourenço; Pedro Aarão. Brasil: [s.n.], 1986. 1 filme, cor. Curta-metragem.

A PELEJA do sertão contra o dragão do mar. Direção: Luiz Lourenço; Pedro Aarão. [S.l.]: Cinemateca Pernambucana, 1986. 1 filme. Disponível em: <https://cinematecapernambucana.com.br/filme/?id=3394>. Acesso em: 17 fev. 2025.

BAILE PERFUMADO. Direção: Paulo Caldas; Lírrio Ferreira. Brasil: REC Produtores Associados, 1996. 1 filme (100 min), cor. Ficção.

CABOCOLINO. Direção: João Marcelo Alves. Brasil: Eixo Audiovisual; Taquary Filmes; Imersão Filmes, 2021. 1 filme (15 min), cor. Documentário.

SEGUNDA-FEIRA. Direção: Geraldo Sarno. Brasil: Saruê Filmes, 1975. 1 filme (11 min), colorido, 16 mm. Documentário. Disponível em: <https://www.linguagemdocinema.com.br/segunda-feira/>. Acesso em: 17 fev. 2025.